

As vantagens de se plantar na Bolívia

Índios são chamados de colla, geralmente de maneira depreciativa. Na praça central de Santa Cruz de la Sierra, no táxi, na loja que vende artigos importados, colla é quem não é como você. Camba, sim, é como você (*veja nota no Diário da Bolívia*), seja você índio, branco ou mestiço. Os sojicultores brasileiros têm mais terras do que os bolivianos, mas fazem questão de esclarecer que foram terras adquiridas sob o que determinava a legislação boliviana. Chegaram ao país após perceberem que o Brasil se sujeitava demais a variações cambiais e hoje elogiam o que dizem ser a maior vantagem de se plantar na Bolívia.

– Compramos os insumos em dólar, como no Brasil, mas vendemos a produção em dólar também, ao contrário de lá – diz Francisco, outro gaúcho de Santo Ângelo.

Isso porque, na Bolívia, o dólar é a moeda extra-oficial. Do vendedor de suco de laranja espremido na hora ao banqueiro, todos a preferem, até mais do que o boliviano, a moeda oficial.

O paranaense Carlos se junta à discussão. Proprietário de terra, agricultor bem sucedido, casado com uma boliviana, tece o “plano A”, de voltar ao Brasil, o “plano B”, de acelerar o processo de naturali-



Agricultores gaúchos que migraram para a Bolívia temem ser identificados

RONALDO BERNARDI. BANCO DE DADOS, 11/10/2004

zação, e o “Plano C”, de dizer:

– Espera aí. Nós construímos isso. A soja na Bolívia só existe por causa do Brasil, senão eles não teriam nada.

Mas é freado por Paulo. Voz moderada, aspecto tranqüilo, tenta manter a calma enquanto fala aos amigos aquilo que assusta a todos:

– Calma, nós não temos força.

Convençam-se disso.

Paulo é sereno quando fala, defende os investimentos que os brasileiros fizeram em mais de uma década na Bolívia, acha que nada seria jogado para o alto assim, por um governo que se diz revolucionário. Mas ele também também tem um temor:

– Os índios. Talvez Evo não queira

PAULO NOME FICTÍCIO DE UM PRODUTOR GAÚCHO

“Nós não temos força.
Convençam-se disso.”

nacionalizar as terras, talvez nem chegue perto disso, mas o discurso dele está exaltando os colla, e eles já olham para os estrangeiros como se fôssemos usurpadores. Nosso temor não é Evo, mas sim o que o discurso dele pode levar essa massa de bolivianos a fazer.

Os três gaúchos tentam amenizar a conversa. Falam no Inter, depois mostram a cuia com o distintivo do Grêmio, e evocam o Rio Grande, por mais que estejam afastados do Estado há mais de 10 anos.

– Agora o Grêmio pega o Vasco, né?

Mas nada desvia o foco da conversa.

– Esse cara é louco. Ele já mostrou que vai até as últimas consequências, como é que a gente vai saber o que ele está disposto a cumprir e o que não passa de discurso? – diz Paulo.

– Olha, se ele decidir tirar as nossas terras, já era.

Os brasileiros conversam entre si. Ignoram a imprensa para dizer com os adjetivos mais pesados o que pensam de Morales. Criticam o líder boliviano e criticam Lula, reclamam do fato de o governo brasileiro não ter assumido uma postura de confronto, acham que faltou coragem, menosprezam a embaixada brasileira em La Paz e apostam que tudo será resolvido quanto menos ele aparecerem na mídia. Como diz um deles:

– Para todos os efeitos, Evo Morales é um grande estadista.

◆ marcelo.fleury@zerohora.com.br

DIÁRIO DA BOLÍVIA

MARCELO FLEURY
marcelo.fleury@zerohora.com.br



Globalização

Um bom exercício antropológico seria descobrir como se difunde a técnica dos menores carentes de pedir dinheiro em sinaleiras. Porque Santa Cruz de la Sierra é exatamente igual a Porto Alegre. Fecha o sinal, duas crianças descalças vão até o meio da rua carregando bolas de tênis e começam a fazer malabarismos. Depois passam de carro em carro pedindo esmola. Quem começou com isso?

Fiscalização desnecessária

No meio das ruas apertadas e mal sinalizadas da cidade, andar de táxi é sempre uma aventura, mas não pela velocidade. Motorista boliviano não corre. Nem quando dirige ao longo de algo que se aproxima a uma estrada, como o asfalto que liga Santa Cruz à refinaria da Petrobras, 10 quilômetros ao Sul. Nas quatro vezes em que fui até lá, nunca um taxista ultrapassou 50 km/h. Em média, andavam a 30 km/h.

Raça

É difícil entender o complexo problema étnico e racial boliviano. Há vários grupos indígenas que nutrem rivalidades entre si, além dos mestiços e dos brancos, estes últimos em minoria. A grosso modo, os próprios bolivianos se dividem em collas e cambas. Os collas seriam os indígenas, e os cambas, os descendentes de europeus.

Foi o que me explicou um branco. Acontece que você conversa com alguém de feições indígenas, e ele também se diz um camba e se ofende se for chamado de colla. Resumindo: em quatro dias no país, não encontrei ninguém que se dissesse colla, apesar de ter visto poucos brancos.

SEGUE >

Novos alvos

Os possíveis próximos passos de Evo Morales:

CHILE

Desde que perdeu a Guerra do Pacífico para o Chile (no século 19), a Bolívia tenta reaver um pedaço de terra que lhe permita chegar novamente ao oceano. Em mais de uma oportunidade, Evo Morales disse que só exportará gás ao Chile se o país lhe abrir o acesso ao mar, coisa que os chilenos não se mostram dispostos a fazer. Nos últimos meses, o Chile importou armas da Europa, o que levou a Bolívia a convocar reservistas para atualizar seu treinamento.

MINERAÇÃO

No dia em que nacionalizou o gás e o petróleo (1º de maio), o presidente Evo Morales prometeu, em discurso no palácio de governo, assumir o controle sobre as indústrias de mineração no país.

Disse que todas seriam bolivianas em mais alguns dias. Para isso, o líder boliviano terá de lançar mão de um novo decreto. Ele não pensa em fazer isso, porém, enquanto não souber como vai evoluir a questão da Petrobras e das outras empresas petrolíferas que atuam no país.

FRONTEIRA

A expulsão de dois brasileiros da Bolívia, sob a acusação de se apropriarem ilegalmente de terras na fronteira, foi anunciada recentemente. O governo boliviano considera a faixa de fronteira, classificada como os 50 quilômetros de largura de terra a partir da linha divisória entre os dois países, como território estratégico, e só quer ver bolivianos naquela área. O caso mais polêmico foi o da siderúrgica EBX, que deixou o país após ameaças de expulsão por parte de Evo Morales.

A QUESTÃO DO ACRE

Diante das medidas nacionalistas de Evo Morales, especialistas em relações internacionais, como o gaúcho Ricardo Seitenfus, acham que o presidente boliviano pode contestar acordos ainda mais antigos, como o que entregou o Acre ao Brasil em 1903, em troca de uma indenização.

– Não duvido que Morales ponha em dúvida a soberania brasileira sobre o Acre. Ele tem a desculpa de que o povo boliviano não participou daquelas discussões de um século atrás – diz o professor.

R I S E R V A

Cipriani

Quem disse que boa oportunidade não aparece duas vezes?

Após o enorme sucesso do primeiro lançamento no Jardim Europa, a Goldshtein lança mais uma grande oportunidade para você: Reserva Cipriani. Venha conhecer, você vai querer morar aqui.

3 e 4 dorms.

Visite Decorados:
Rua Antônio Carlos Berta, 255
ao lado do Shopping Iguatemi

JARDIM | EUROPA
UM NOVO BAIRRO. NOVOS ARES PARA VOCÊ.

CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO:
GOLDSZTEIN
CONSTRUINDO ESPAÇOS DE VIDA

INFORMAÇÕES:
51 3433-7000
www.goldshtein.com.br

VENDAS:
LEINDECKER
Seu sonho, nossa missão
CRECI 042

Noblesse
Consultoria Imobiliária
Absoluta nos bairros nobres
CRECI 217063



ILUSTRAÇÃO ARTÍSTICA DO SALÃO DE JOGOS

Eugenio
DIZ PROPAGANDA

Data Publicação : 07/05/2006

Editoria : Especial

Ilustração : Foto

Assunto :

Reportagem especial, Crise, Relações Comerciais, Indústria Petrolífera, Petróleo, Estatização, Refinaria, Governo Federal, Governo Luiz Inácio Lula da Silva, Impasse, Brasil, Bolívia, Negociação, Governo Evo Morales, Petrobras, Expropriação, Repercussão, Investidor, Agricultor, Relato, Medo, Propriedade, Diário da Bolívia (cartola), Marcelo Fleury